# O TERRORISMO EM BURKINA FASO NÃO É UMA QUESTÃO RELIGIOSA

**Cardeal Philippe OUÉDRAOGO, Fraternidade de Burkina Faso**

Cardeal Philippe Ouédraogo, de Seul, sobre o Sahel: "O conflito atual não é religioso. É político, econômico, identitário e geoestratégico."

**Seul, a capital coreana, sediou um encontro da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre nos dias 10, 11 e 12 de julho de 2025. Na ocasião, o Cardeal Philippe Ouédraogo, um dos principais palestrantes, proferiu uma mensagem comovente sobre a situação da segurança em Burkina Faso e no Sahel: "Não caiamos na armadilha: rejeitemos o medo, a confusão e o discurso divisionista. O conflito atual não é religioso. É político, econômico, identitário e geoestratégico", alerta o Arcebispo Emérito de Ouagadougou, que questiona: "Como podemos explicar o fato de tantas armas circularem em áreas onde o acesso a alimentos e água potável é limitado? Quem está fazendo vista grossa? Quem está permitindo que isso aconteça? Quem está lucrando com isso?" Oferecemos o texto completo de sua declaração sobre "A Igreja em Burkina Faso, Testemunha de Esperança diante da Perseguição do Extremismo Islâmico Violento".**

## INTRODUÇÃO

Eminências, Excelências,

Honoráveis Participantes do Simpósio,

Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar, gostaria de estender à nossa augusta assembleia uma cordial saudação da África, de Burkina Faso e, em particular, da Igreja da Família de Deus de Ouagadougou, da qual sou Arcebispo Emérito desde 16 de dezembro de 2023. Permitam-me estender uma saudação especial a Sua Eminência, o Cardeal Andrew Yeom Soo-jung, Arcebispo Emérito de Seul. Criados Cardeais juntos em 22 de fevereiro de 2014 pelo Papa Francisco, permanecemos amigos. Com ele, damos graças a Deus pela frutífera cooperação missionária entre as Arquidioceses de Seul e Ouagadougou. Ao Reverendo Padre John PAK e a todos os organizadores, expresso minha sincera gratidão pelo gentil convite para participar do décimo aniversário da organização da Igreja que Sofre na Coreia.

"A Igreja em Burkina Faso, Testemunha de Esperança Diante da Perseguição do Extremismo Islâmico Violento" é o tema proposto para minha apresentação. Agradeço sinceramente o seu interesse pelo sofrimento da nossa humanidade, da nossa casa comum. Estou entre vocês para testemunhar como filho e pastor de uma terra devastada pelo terrorismo violento em Burkina Faso, no Sahel da África Ocidental. Vim para ser a

voz de um povo sem voz, que sofre, mas luta para se manter de pé com dignidade e paz verdadeira.

Nossa apresentação-testemunho se desenvolverá a partir de várias perspectivas, incluindo:

- A tragédia da violência terrorista em Burkina Faso
- A missão e o testemunho da Igreja Católica
- O desafio à consciência global.

I. A tragédia da violência terrorista em Burkina Faso

Por quase uma década, Burkina Faso tornou-se, apesar de si mesmo, palco de uma violência multifacetada, persistente, mortal e metódica. A violência criou raízes e está se espalhando cegamente entre a população. O país mergulhou gradualmente em um ciclo de instabilidade marcado por ataques mortais, sequestros, destruição de infraestrutura estatal e privada, deslocamentos em massa da população, além de sucessivos golpes militares. Diversas regiões do país foram afetadas.

Os números são impressionantes. De acordo com dados do ACNUR, OCHA e relatórios cruzados de ONGs nacionais e internacionais, em 2024:

– Mais de 8.000 pessoas foram mortas em ataques direcionados, confrontos armados ou assassinatos de civis inocentes. Isso não inclui os desaparecidos, os feridos e os fisicamente e psicologicamente mutilados.

– Mais de 2,2 milhões de deslocados internos foram registrados até o momento, a maioria dos quais são mulheres, crianças e idosos. Famílias inteiras vivem em condições precárias em acampamentos improvisados, sem acesso estável a água, alimentação, educação ou assistência médica básica.

– Mais de 35.000 refugiados burkinabes fugiram para países vizinhos (Togo, Gana, Benim e Costa do Marfim), enfrentando grave insegurança alimentar.

– Quase 6.000 escolas foram fechadas, privando mais de um milhão de crianças de seu direito fundamental à educação. Uma geração inteira está sendo sacrificada.

– Centenas de centros de saúde foram destruídos ou fechados. A cobertura de saúde está em colapso. A desnutrição infantil está aumentando exponencialmente. O acesso a cuidados psicológicos é praticamente inexistente.

– Centenas de milhares de hectares de terras agrícolas foram abandonados. O tecido econômico local está se desintegrando. Mercados, celeiros e estradas estão sendo controlados ou minados.

Esta tragédia se estende além das fronteiras de Burkina Faso. Faz parte de uma dinâmica saheliana, até mesmo regional e global. Ela desafia a África, desafia a humanidade. Por exemplo, Mali, Níger e Burkina Faso, diante da tragédia do terrorismo, formaram a Confederação dos Estados do Sahel. O que esses países vivenciam hoje é consequência da desordem global, um acúmulo de fragilidades ignoradas, silêncios cúmplices e, às

vezes, geopolíticas cínicas. Esta não é mais uma crise pontual. É uma crise existencial. Uma crise de civilização. E exige uma resposta humana, espiritual, institucional e moral à altura da tragédia vivida pelas populações.

Nessa perspectiva, o Papa Francisco, em sua Encíclica Fratelli Tutti, nos desafia claramente:

"O sofrimento de um povo não é um caso distante. É um chamado para redescobrir a consciência de que somos uma comunidade global." (Fratelli Tutti, §25).

II. Violência sem fronteiras religiosas

Diante dessa trágica realidade, muitos, de longe, buscam oferecer uma explicação simplista: a de um conflito religioso entre cristãos e muçulmanos. No entanto, quando olhamos mais de perto, quando ouvimos as populações afetadas, quando examinamos os relatos de sobreviventes, autoridades tradicionais, pastores e imãs, emerge outro quadro muito mais complexo.

É verdade que ataques têm como alvo igrejas. É verdade que padres, catequistas e fiéis cristãos foram mortos durante celebrações litúrgicas ou por causa de sua fé. É verdade que comunidades cristãs inteiras foram forçadas a fugir e que templos e igrejas foram queimados, profanados ou fechados.

Mas é igualmente verdade que:

- Mesquitas foram atacadas, algumas durante as orações de sexta-feira.
- Imãs foram executados por pregar uma versão moderada e pacífica do islamismo.
- Escolas corânicas foram fechadas ou destruídas.
- Vilarejos de maioria muçulmana foram alvos indiscriminadamente.

Na realidade, todas as comunidades são afetadas. Todas as crenças estão de luto. A religião está sendo explorada para obter poder, controle e terror.

É preciso dizer claramente: grupos armados violentos não têm religião. Eles têm ideologia. E essa ideologia não tem outro objetivo senão semear a divisão, colocar as comunidades umas contra as outras e quebrar a solidariedade tradicional que une o povo burkinabe para além da filiação religiosa. Eles se baseiam na ignorância, em feridas mal cicatrizadas e em frustrações acumuladas para colocar as pessoas umas contra as outras.

No entanto, Burkina Faso tem uma longa tradição de coexistência religiosa pacífica. Esse tecido social está sendo alvo hoje precisamente por ser um baluarte contra o extremismo. Ao destruir locais de culto, estigmatizar grupos e semear o medo, grupos extremistas buscam destruir não apenas vidas humanas, mas também um modelo social, uma herança compartilhada de fraternidade.

Não caiamos na armadilha: rejeitemos o medo, a confusão e a retórica divisionista.

O conflito atual não é religioso. É político, econômico, identitário e geoestratégico. Ele se disfarça de religião para se legitimar, mas, na realidade, a trai. E nesta tempestade, a

Igreja de Burkina Faso continua a proclamar em alto e bom som: "Somos chamados à unidade, à paz e ao amor mútuo." »

➢ É por isso que devemos ser lúcidos, corajosos e profundamente enraizados em nossa fé para não cairmos na armadilha da divisão. Pois uma comunidade dividida é uma comunidade enfraquecida:

"Se uma casa estiver dividida contra si mesma, essa casa não subsistirá." (Marcos 3:25)

Nesse espírito, o Santo Padre recordou na Declaração de Abu Dhabi (2019):

"O terrorismo não se deve à religião ou a convicções religiosas, mas a uma interpretação errônea de textos sagrados e a políticas injustas."

Não é a religião que mata. São as ideologias de ódio. E nossa responsabilidade é desmascará-las.

III. Uma Serpente com Cabeças Invisíveis: Quem Mata? Quem Manipula? Quem Lucra?

Uma das dores mais profundas do povo burquinense hoje reside nesta pergunta incômoda, repetida em aldeias, campos de deslocados, igrejas, mesquitas e mercados: "Quem está nos matando? E por quê?"

Pois, frequentemente, os ataques são realizados por homens encapuzados, armados com rifles modernos, em motocicletas ou caminhonetes. Nem sempre afirmam pertencer a um grupo conhecido. Não deixam uma mensagem política clara nem uma reivindicação estruturada. Às vezes, apresentam-se como justiceiros. Às vezes, como figuras religiosas. Às vezes, como vingadores. Mas, muitas vezes, não dizem nada. Matam. E desaparecem.

Essa ausência de uma identidade assumida alimenta um medo latente. Enfraquece a confiança na comunidade. Cria suspeita mútua. Leva aldeias inteiras a desconfiar de seus vizinhos, a suspeitar de sua própria juventude, a duvidar do imã local, do líder do bairro, do catequista, do lojista de outro lugar.

Essa imprecisão é habilmente mantida. Faz parte de uma estratégia de caos. Um caos que não é espontâneo, mas planejado, alimentado, suprido, coordenado.

Quem são os verdadeiros instigadores dessa violência? Quem arma esses grupos? Quem os financia? Quem lhes fornece munição, informação e tecnologia? De onde vêm essas armas sofisticadas, que não existem nos mercados locais? Por que a circulação de Kalashnikovs e artefatos explosivos excede a de suprimentos de emergência ou alimentos? Quem controla as estradas? Quem controla os fluxos? Quem alimenta os conflitos intercomunitários? Quem lucra com essa desordem?

A realidade é que esse conflito não é apenas interno. Ele também é alimentado por questões transnacionais. Interesses econômicos ocultos. Lógica geopolítica fria. Redes de tráfico de ouro, armas, drogas e pessoas que exploram o vácuo de segurança para prosperar.

Algumas das áreas atacadas coincidem estranhamente com áreas de mineração. Algumas das estradas visadas são estratégicas para o transporte de recursos. Algumas populações deslocadas liberam espaços de considerável valor econômico. O caos aqui se

torna uma oportunidade, uma estratégia de deslocamento forçado, uma forma de abrir caminho para projetos não reconhecidos.

E, enquanto isso, pessoas sofrem, morrem, desaparecem.

A violência que atinge Burkina Faso tem, portanto, muitas faces, mas um único propósito: controlar, dominar, explorar. Os rostos visíveis no terreno podem ser apenas os dos executores. Atrás deles estão os mentores, os doadores, os estrategistas. Eles falam outras línguas, assinam em outros escritórios e trocam em outras moedas.

Por isso, é essencial rejeitar interpretações simplistas e denunciar a cumplicidade silenciosa. E desafiar instituições internacionais, Estados, multinacionais, redes religiosas ou econômicas que, direta ou indiretamente, permitem que isso aconteça, ou mesmo participam.

O inimigo não é uma aldeia. Não é uma religião. Não é um grupo étnico. O inimigo é esse mecanismo de desumanização que transforma o sofrimento dos pobres em lucro para os poderosos. E esse mecanismo deve ser interrompido.

Temos o dever de expô-lo, a coragem de nomeá-lo e a fé para superá-lo.

➢ Somos, portanto, chamados a discernir. A ir além das aparências. A não nos contentar em nomear os perpetradores visíveis, mas a revelar as estruturas invisíveis do mal. Pois essa luta vai além dos rostos humanos. Ela toca as forças profundas da desordem e da dominação:

"Não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes das trevas deste século..." (Efésios 6:12)

IV. Burkina Faso: Uma Herança de Convivência para Proteger

Burkina Faso não é apenas uma entidade geográfica no coração da África Ocidental. É uma memória viva, uma encruzilhada da humanidade, um caldeirão onde línguas, costumes, crenças e linhagens se entrelaçaram ao longo dos séculos. Muito antes da independência, em 1960, os povos desta terra aprenderam a fazer de suas diferenças uma fonte de riqueza, não uma ameaça.

Na nação burquinense, diversidade nunca foi sinônimo de fragmentação. As comunidades cresceram juntas: estima-se que os muçulmanos representem 60%, os católicos 20%, os seguidores de religiões tradicionais 15% e as denominações protestantes 5%. Todos compartilham o mesmo espaço de convivência, a água dos mesmos poços, o riso das mesmas crianças, a dor das mesmas provações... Viver juntos nunca foi uma construção ideológica: surgiu da vida cotidiana, dos costumes e da sabedoria dos mais velhos. E é aqui que muitos dos arquitetos do caos erraram. Este país se baseia em uma base de profundidade insuspeita: pactos de parentesco, alianças de linhagem, laços interclânicos, solidariedade entre famílias de diferentes tradições. Aqui, o primo brincalhão pode pertencer a outro grupo étnico, mas carrega o mesmo respeito sagrado. Aqui, o genro é acolhido como filho, independentemente de sua fé. Aqui, alianças entre famílias de diferentes religiões são comuns, respeitadas e vivenciadas como pontes de união.

Laços de sangue, parentesco e aliança são mais fortes do que o discurso de ódio. São mais profundamente enraizados do que ideologias importadas, mais tenazes do que

manipulações divisionistas. Constituem um baluarte silencioso, mas eficaz, contra aqueles que sonham em colocar o povo burkinabe uns contra os outros.

Pois o que Deus semeou nos corações através dos fios da história, nenhuma mão destrutiva pode arrancar permanentemente.

No entanto, essa força está sendo severamente testada. Armas, medo e desinformação buscam romper a paciente estrutura da coexistência. Vozes, às vezes alheias às realidades locais, se esforçam para semear a dúvida, a desconfiança e o medo do outro. A convivência é alvo, não diretamente, mas sub-repticiamente.

E, no entanto, o povo burkinabe se mantém firme. Mantém-se firme graças a iniciativas cívicas, inter-religiosas e interculturais. É sustentado por líderes religiosos e tradicionais que pregam a paz. É sustentado por associações de jovens, líderes intelectuais e jornalistas católicos e muçulmanos que, juntos, lideram iniciativas de diálogo, formação e conscientização. Ela se sustenta em projetos transfronteiriços que reconectam os povos, para além dos medos.

➢ Este precioso patrimônio cultural não é uma ilusão. É uma realidade histórica, cultural e espiritual. E deve ser protegido como uma chama frágil arrebatada pelo vento. É também um chamado evangélico:

"Na medida do possível e no que depender de vocês, vivam em paz com todos." (Romanos 12:18)
O Concílio Vaticano II nos ensinou isso com veemência na declaração Nostra Aetate:

"A Igreja Católica não rejeita nada do que há de verdadeiro e santo nas religiões. [...] Ela exorta seus filhos a reconhecer, preservar e promover os bens espirituais e morais." (§2)

Essa coexistência, enraizada na história e abençoada pelo Evangelho, é um fundamento para a reconstrução da paz. Uma paz autêntica, fundada na dignidade humana, na memória comum e na fidelidade à mensagem de Cristo: amar, compreender, dialogar e, juntos, erguer este mundo cambaleante.

V. Estruturas para o Diálogo, Pontes Comunitárias, Iniciativas Religiosas e Sociais

Neste contexto de ameaças multifacetadas e fragmentação social, é encorajador, e até essencial, destacar os muitos esforços feitos por atores religiosos, sociais, comunitários e institucionais para preservar a unidade nacional, fortalecer a resiliência coletiva e manter canais para o diálogo inter-religioso, intercultural e intergeracional. Burkina Faso não se limita a suportar a violência. Ele resiste a ela. Ela responde com a sabedoria de suas tradições, a vitalidade de sua juventude e o comprometimento de suas comunidades espirituais. Em todo o país, surgem iniciativas para reconstruir pontes destruídas, reavivar a confiança e construir espaços para o diálogo compartilhado.

Entre essas iniciativas, destacam-se os Quadros de Consulta Inter-religiosa para a Paz (CPIs). Esses quadros reúnem representantes de todas as principais denominações religiosas do país — islamismo, cristianismo católico e protestante, e religiões tradicionais — em um processo contínuo de diálogo, análise compartilhada de desafios e propostas conjuntas para fortalecer a paz social. Esses quadros participam da mediação local e da conscientização comunitária, produzindo mensagens conjuntas para aliviar as tensões.

Paralelamente a essas plataformas institucionais, ações concretas, muitas vezes silenciosas, são realizadas pelas comunidades locais:

– Inúmeras associações trabalham pela paz e pela coesão social: a Liga Islâmica para a Paz (Ouagadougou), a União Fraternal dos Crentes (Dori); a Associação Protestante para o Diálogo Inter-religioso (Ouagadougou); e a Fundação Católica Duc In Altum (Ouagadougou).

– Acampamentos inter-religiosos para jovens são organizados anualmente pelas dioceses, em colaboração com líderes muçulmanos. Esses espaços promovem a descoberta mútua, a desmistificação de estereótipos e a criação de laços duradouros entre jovens de diferentes religiões.

– Sessões de diálogo entre forças de segurança e jovens líderes comunitários foram testadas em diversas regiões, ajudando a restaurar um clima de confiança e a prevenir confusões perigosas. – Atividades esportivas, clubes de leitura, teatros comunitários e programas de educação cívica são organizados em espaços neutros, acolhendo crianças, adolescentes, mulheres e homens sem distinção em torno de valores compartilhados.

– Movimentos de ação católica, notadamente a JEC (Jeunesse Étudiante Catholique), escoteiros, corais e grupos de oração, não ficam para trás. Tanto em áreas urbanas quanto rurais, eles organizam:

– dias de apoio comunitário,

– operações de saneamento inter-religioso,

– campanhas de conscientização sobre paz e coesão social,

– visitas a deslocados internos sem discriminação religiosa ou étnica.

Líderes intelectuais católicos, jornalistas, professores, advogados e artistas também trabalham para combater o discurso de ódio, popularizar os direitos fundamentais, compartilhar experiências positivas de convivência e documentar histórias de fraternidade vividas. Suas intervenções, frequentemente veiculadas pela mídia religiosa e tradicional, contribuem para moldar uma consciência coletiva resiliente.

Em certas áreas transfronteiriças — particularmente nas regiões do Leste e do Sahel —, encontros comunitários reuniram representantes de vários países vizinhos (Níger, Gana, Togo e Costa do Marfim) para abordar questões comuns: gestão de recursos compartilhados, segurança humana, pastoralismo transfronteiriço e combate à desinformação. Esses encontros ajudam a fomentar a diplomacia de base, a construir alianças comunitárias e a coibir tentativas de exploração de afiliações nacionais, étnicas ou religiosas.

Todos esses esforços, embora às vezes discretos, ajudam a manter viva a chama da paz. Demonstram que, apesar das tentativas de divisão, o tecido social burquinense continua vibrante, capaz de se regenerar, de se solidarizar e de inventar novas formas de convivência.

Constituem também uma lição para a África e para o mundo: a paz não é apenas uma palavra. É um dom de Deus e fruto do esforço humano. E o Papa Francisco afirma inequivocamente:

"Há uma arquitetura de paz na qual as diversas instituições da sociedade intervêm, cada uma em seu lugar." (Fratelli Tutti, §284)

O pacificador não é um herói espetacular, mas um construtor paciente, um semeador de humanidade.

VI. A Igreja, Perseguida, mas Fiel: Missão e Testemunho

Neste contexto de violência, insegurança generalizada, deslocamentos em massa e medo crônico, a Igreja em Burkina Faso não a abandonou. Não renunciou à sua missão evangelizadora. Não escolheu o silêncio ou a fuga. Pelo contrário, ela criou raízes, adaptou-se, comprometeu-se ainda mais, arriscando a própria existência.

Sim, padres foram sequestrados e mortos, catequistas e fiéis assassinados, igrejas fechadas, capelas incendiadas, locais de oração desertos. Mas a Igreja permanece ali, presente, servindo, viva, rezando, sofrendo e profundamente solidária com o povo.

Nas paróquias rurais, bem como nas periferias das grandes cidades, as comunidades cristãs continuam a se reunir, às vezes ao ar livre, às vezes discretamente, às vezes sob ameaça. Mas elas rezam, cantam e compartilham. Elas intercedem pela paz. Ao final de cada celebração eucarística, é feita uma oração pela paz.

As freiras continuam a ensinar, a cuidar e a ouvir. Elas acolhem mulheres deslocadas, acompanham crianças traumatizadas e preparam refeições coletivas em escolas improvisadas. Sua própria presença é um testemunho. Sua calma é uma força. Seu compromisso é um bálsamo para comunidades destruídas.

Movimentos de Ação Católica, os jovens da AJEC, escoteiros e grupos de oração organizam coletas de alimentos, atividades de acolhimento e grupos de apoio a pessoas deslocadas. Eles rezam com os muçulmanos. Eles estendem a mão aos não crentes. Eles restauram um senso de solidariedade em um momento em que tudo parece estar desmoronando.

A Igreja não desempenha um papel externo. Ela está dentro das pessoas. Ela sente sua dor. Ela fala sua língua. Ela conhece suas feridas. Ela compartilha seu pão. Ela segura as mãos das viúvas. Ela enterra mártires. Ela abençoa crianças. Ela prepara funerais com dignidade. Ela mantém a fé como se mantém uma chama acesa nas profundezas da escuridão.

➢ Na noite do caos, a Igreja, Família de Deus de Burkina Faso, não abandonou seu posto. Não fugiu do fogo. Permanece uma sentinela alerta, humilde e firme, fiel ao chamado de Cristo. Mesmo perseguida, permanece firme e unida: "As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje [...] são também as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo." (Gaudium et Spes, §1).

VII. Um poderoso desafio à consciência global

O que está acontecendo hoje em Burkina Faso não diz respeito apenas a Burkina Faso. Esta tragédia transcende fronteiras. Ela desafia a humanidade. Questiona o próprio

significado da nossa fraternidade global. E obriga todos — instituições, governos, povos, religiões, mídia — a tomar uma posição clara: continuaremos a ignorar o que aconteceu ou finalmente assumiremos a nossa parcela de responsabilidade? Instituições internacionais foram criadas após grandes guerras para proteger as pessoas dos excessos da violência, da lógica da aniquilação, dos genocídios silenciosos. As Nações Unidas, a União Africana, os tribunais internacionais de justiça, as agências humanitárias... O que estão fazendo hoje diante da agonia de milhões de pessoas no Sahel?

Como explicar a circulação de tantas armas em áreas onde o acesso a alimentos e água potável é limitado? Como entender que drones, minas artesanais e armas automáticas de alta precisão possam ser transportados enquanto os medicamentos são escassos nos hospitais? Quem faz vista grossa? Quem permite? Quem lucra?

E os Estados poderosos, que possuem a tecnologia, a inteligência, os satélites, as redes diplomáticas, o que estão dizendo? Onde estão os apelos por respeito ao direito humanitário? Onde estão as condenações claras e as decisões corajosas? Por que alguns países são eternamente esquecidos em emergências globais? E as multinacionais, que investem em minas, que assinam acordos nos bastidores, que às vezes se beneficiam dos efeitos da guerra, estão dispostas a questionar um modelo de lucro que se baseia no colapso dos povos?

E nós, cidadãos do mundo, homens e mulheres de boa vontade, temos a consciência tranquila? Podemos dormir em paz sabendo que crianças estão sendo sacrificadas por interesses invisíveis? Que mulheres vivem com medo todas as noites? Que comunidades inteiras estão sendo varridas do mapa?

Isso não é exagero. É uma realidade cotidiana. Um crime coletivo por indiferença e inação.

É hora de agir, de quebrar o silêncio, de ir além dos comunicados diplomáticos, de transformar resoluções em compromissos concretos. É hora de pressionar para garantir que as estradas sejam seguras, que as pessoas deslocadas sejam protegidas, que os responsáveis sejam identificados e que os recursos do Sahel beneficiem o povo do Sahel.

É chegada a hora de a consciência global despertar, de as religiões se unirem em uma declaração comum, de as pessoas se indignarem, de as instituições responderem e de as corporações multinacionais se converterem a uma ética de responsabilidade. O silêncio, neste contexto, não é neutro. É cúmplice. E as gerações futuras perguntarão: "O que vocês estavam fazendo quando a África estava em chamas?" E todos terão que responder.

Hoje, em nome da fé, em nome da vida, em nome da dignidade humana, dizemos: basta. O sangue dos inocentes não pode mais irrigar a economia global. O silêncio dos poderosos não pode mais abafar os gritos dos pobres. E a indiferença não pode mais ser a resposta para o sofrimento.

É um chamado. É um desafio. É uma responsabilidade.

➢ Não se trata mais simplesmente de dar o alarme. Devemos despertar as consciências, exigir justiça e denunciar os silêncios que matam. É uma exigência bíblica, tanto quanto um dever moral:

"Aprendam a fazer o bem, busquem a justiça, restaurem os oprimidos, façam justiça aos órfãos, defendam a causa da viúva." » (Isaías 1:17)

O desafio que lançamos aqui não busca controvérsia. Busca a verdade. E espera respostas dignas da consciência humana.

Conclusão: A Esperança como Ato Profético

Diante do extremismo violento que devasta vidas, aldeias, memórias e esperanças, alguns podem ser tentados a concluir que tudo está perdido, que a sombra é muito grande, que a noite é muito profunda, que a humanidade está em colapso.

Mas esta não é a nossa leitura. Não é a nossa fé, o nosso sonho ou a nossa esperança.

Cremos, profundamente, que a história não termina aqui. Que o que parece ser uma derrota pode tornar-se fonte de renascimento. Que mesmo aos pés da cruz, uma ressurreição é possível. A esperança, para nós, não é ingenuidade. É um ato profético. É um ato de resistência espiritual. É uma tomada de posição diante do absurdo, uma afirmação radical da vida diante da cultura da morte. Não se trata de esperar que tudo melhore. Trata-se de agir para que algo belo sobreviva, mesmo em meio à turbulência. Trata-se de escolher a fidelidade a Deus, à humanidade, à dignidade, onde tudo parece nos empurrar para o abandono.

E a Igreja, neste contexto, não tem apenas um papel moral. Ela tem uma missão existencial, profética: a de permanecer firme quando tudo desmorona, de pregar a paz quando a guerra se aproxima, de proclamar a luz quando a escuridão se aprofunda, de acreditar na humanidade, mesmo quando a humanidade está perdida.

Por isso, concluo com esta certeza: o caos não terá a última palavra. A mentira não triunfará sobre a verdade. O ódio não vencerá o amor. E o sangue derramado pelos inocentes se tornará a semente de um futuro melhor, se tivermos a coragem de não esquecer, de não desistir, de continuar a sonhar, de amar juntos.

Que cada homem, cada mulher, cada instituição aqui presente ouça este chamado. Não como uma acusação, mas como uma missão. Burkina Faso sangra, mas espera. O Sahel treme, mas reza. A África sofre, mas resiste.

E o Papa Bento XVI nos lembra em sua encíclica Spe Salvi:

"A esperança cristã nunca é individual. É sempre também esperança para os outros." (§35)

Obrigado a todos pela atenção e pelo compromisso. Que possamos sonhar juntos e trabalhar constantemente pela construção de um mundo melhor.

Que a oração de Maria, Rainha da Paz, cujo coração está sempre voltado para a vontade de Deus, consolide e fortaleça todos os esforços em prol da reconciliação, da justiça e da paz. (Cf. Mt 5,6).

+ Philippe Cardeal OUÉDRAOGO

Arcebispo Emérito de Ouagadougou

BURKINA FASO